

Port / m  
P 184

PALY



LUZES NA ÁGUA



**LIDA PALY**

**LUZES NA ÁGUA**

**J. DI GIORGIO & CIA. LTDA.  
RIO DE JANEIRO  
1997**

Tradução do Ucraniano e prefácio: Wira Selanski  
Revisão: Luiz Montez

Série PYSSANKA:

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)
2. Iván Dratch: ASAS (1993)
3. O Grupo de Nova York: COLMÉIA (1993)
4. Mykola Vorobiów: SIGNOS (1994)
5. Valery Chewtchúk: O CAMINHO (1995)
6. Ighor Kalynéts: O FOGO SAGRADO (1997)
7. Lida Paly: LUZES NA ÁGUA (1997)

CAPA E COLAGENS: WW

© Lida Paly  
Wira Selanski



LIDA PALY



## PELAS PEGADAS DE LIDA PALY

Os contos ou esboços de Lida Paly devem muito ao Impressionismo. O poeta e crítico literário Boghdán Rubtchák, no seu ensaio *Diversos Caminhos de Lida Paly* (Luzes na Água, Toronto, 1985), analisa a maneira impressionista da autora na abordagem de paisagens e de gentes.

No entanto, estas últimas refletem igualmente a sua “paisagem interior”, alienada da realidade, inundada na profunda saudade da infância perdida e de seus valores, vagando mais no passado, com sua história, suas lendas e seus mitos, do que na atualidade, onde tudo – novamente à maneira impressionista – possui contornos cambiantes, nebulosos e imprecisos.

Seu encantamento pelos países exóticos lembra os escritos de uma outra escritora ucraniana, Sofia Iablonska, cujas viagens foram relatadas numa aura aventureira-mágica. Lida Paly, todavia, é artista maior. Seus contos possuem um encanto muito pessoal que revela sensibilidade e conhecimento, unidos à sinceridade e ao humanismo.

A autora, predestinada à vida de emigrante em função das condições nefastas em sua pátria, sente-se agora estrangeira no mundo inteiro. É a sina de muitos, cujas raízes foram brutalmente arrancadas do solo pátrio pela guerra e suas conseqüências. A Ucrânia, espoliada de suas características e transformada num país explorado por potência estrangeira utilitarista, torna-se fonte de contínuo sofrimento. Tipicamente, a contista não penetra nos fatos concretos, não os analisa logicamente, satisfazendo-se, antes, com pequenos indícios de sua experiência individual. O pormenor adquire proporções de um símbolo.

De modo análogo, a vivência amorosa é tratada qual uma paisagem mutável: o amado aparece quase como uma sombra irreal, pronta para sumir em seguida no nevoeiro, como uma

ilha de mares distantes. A felicidade mostra-se constantemente inalcançável.

Ricas em imagens sensoriais, as paisagens de Lida Paly trazem ao leitor colorido, sons e perfumes de lugares ignotos, cheios de mistério lendário e sedução.

A autora nasceu em 1926 em Stry, mas passou a infância em Lviw, onde freqüentou a escola secundária ucraniana. Durante a Segunda Guerra Mundial emigrou com os pais para a Alemanha, e, após a Guerra, para o Canadá, estabelecendo-se em Toronto. Terminou os estudos de antropologia, havendo se dedicado igualmente à poesia, pintura e fotografia artística. Seus contos foram publicados nas revistas *Sutchasnist'* (Atualidade), Nova York e Munique, e *Svito-vyd*, Kyiw e Nova York. Separadamente, apareceram os volumes de contos e esboços: *Caminhadas no Tempo e Espaço*, Toronto e Edmonton, 1973, e *Luzes na Água*, Toronto, 1985; e de lírica: *Pássaros Estranhos*, Toronto, 1989, *Terra de Domingos Silenciosos* (em Inglês), Toronto, 1988, e *Terra-Sonho*, Toronto, 1994. Por esta última coletânea, a autora recebeu o Prêmio Tytchyna, oferecido pela Associação dos Escritores da Ucrânia, em Kyiw.



MM



## LUZES NA ÁGUA

Caía uma chuva fria, eu estava havia muito tempo esperando pelo bonde. Pesadas gotas esmagavam os reflexos verde-amarelos de candelabros nas poças de água, estilhaços pontudos de luzes saltavam assustadoramente sobre os paralelepípedos, causando mais frio ainda. E o bonde não chegava...

Em vão procurei abrigo da chuva no portal de um prédio destruído. Do outro lado do muro também chovia, de lá vinha o odor de mofo e ouvia-se a água marulhar da goteira arrancada. Eu me envolvia num casquinho inteiramente ensopado da cor cáqui odiosa, doado a nós, fugitivos. Puxei o capuz sobre os olhos e tentei esquentar as mãos congeladas nos bolsos.

Os riscos prateados da chuva pareciam um enxame cada vez mais denso junto aos candelabros, mas o bonde não chegava.

Os pés tornaram-se rijos de frio, a água penetrou pelas solas de papelão dos sapatos. Tive calafrio e senti dolorosamente a frieza.

Da escuridão no fim da rua, como um monstro grande, apareceu o bonde superlotado de passageiros. Passou com estrondo, sem parar no ponto. Na nesga da janela, que não fora pintada da cor azul, percebi apenas como vacilavam as cabeças dos passageiros, como se fossem de cera amarela.

A noite era negra e angustiante. O céu relampejava assustador, quando os distantes laços metálicos dos bondes riscavam em qualquer parte os fios elétricos congelados.

De um prédio palidamente iluminado do outro lado da rua rosnavam fantasmagóricas aberturas de janelas. De vez em quando, junto a mim, passavam silenciosamente figuras informes de pessoas, e novamente desapareciam na escuridão. Eu me sentia solitária e esquecida pelo mundo.

O vento cada vez mais fustigava com chuva congelada. Apoderava-se de mim a sensação de desespero, de falta de esperança. Eu sabia que, mesmo alcançando meu quarto frio, não haveria consolo, eu não poderia secar a roupa, não haveria nada para comer...

Aos poucos crescia a revolta contra uma semelhante existência. Tornei-me consciente que algures, longe desta cidade sombria e havia pouco tempo destruída pela guerra já acabada, deveria haver outra vida, como eu a lembrava desde a infância, conhecia dos livros. Com as forças restantes, esforçava-me por fugir da realidade para lá onde havia alegria, calor, beleza. Tecia sonhos fantásticos sobre o litoral do mar, em qualquer parte do Sul, onde havia uma primavera precoce, talvez na Abbacia, da qual ouvi meu pai falar tanto... Lá ficaria eu sentada numa taberna (naquele tempo eu nem sabia o que era taberna, mas a palavra soava tão exótica!), estaria trajada de vestido azul de veludo, saboreando uma ceia gostosa e bebericando vinho tinto. Junto a mim, os violões tocariam tangos sul-americanos, e a gente junto às mesinhas vizinhas sorria amigavelmente.

Naquela noite fria e úmida eu prometi a mim mesma que encontraria um mundo semelhante e um porto, onde em vez de reflexos nas poças de água haveria luzes quentes no espelho tranqüilo do mar.

Depois de anos, realizei pela primeira vez meu sonho, porém não inteiramente assim como imaginava, tendo sido ainda uma ingênua adolescente. De fato, estava sentada numa primavera precoce no terraço de uma cafeteria em Zadar, junto ao Mar Adriático. Era uma tarde tépida, a orquestra tocava "Arrivederci Roma". Não me lembro que vestido eu usava então, mas tenho certeza de que não era nem azul, nem de veludo. Bebericando vinho, contemplava os reflexos de miçangas faiscantes – luzes da ilha no espelho do mar e dos iluminadores nos navios, que silenciosamente passavam pelo estreito. A água chapinhava contra a margem. As lamparinas penduradas nos galhos das árvores iluminavam a folhagem primaveril verde-clara. Uma mocinha de lenço branco andava de uma mesinha a outra vendendo cheirosos ciclames silvestres. Os fregueses conversavam em vozes baixas; um garçom entediado, encostado contra o madeiramento da porta, aguardava encomendas. Tudo parecia tão pacífico e acolhedor. O meu sonho, aparentemente, estava

realizado, porém não de todo... Tive o gosto de sal nos lábios e pensei em mares mais distantes, o mundo mais longe, onde os portos desconhecidos me atraíam. Fui envolvida por uma saudade incaptável pelas outras luzes na água...

Vi luzes no espelho do mar, quando andei pelo litoral da baía de Beirut, então ainda não destruída. Pela estrada que contorna a baía passavam faróis amarelos de automóveis, a cidade cintilava de luzes neônicas. Tudo se refletia e dissolvia na água. Sobre mim sussurravam palmeiras, cheiravam noturnas flores tropicais. Da brisa marinha na praia balançavam-se mastros de veleiros, no céu de veludo giravam astros. Naquele instante eu não sabia que em uma semana explodiria ainda uma guerra no Oriente Próximo, apesar de ter visto pela manhã como rolavam tanques pesados pelo vale de Becaa. Não encontrei sossego...

Longe, na outra parte do mundo, eu estava sentada no crepúsculo matinal sobre o convés superior de uma nave residencial no lago Dal, em Kashmir. Na água, apareciam reflexos de luzes pálidas dos outros barcos residenciais. Do longínquo Srinagar soou o chamado de muezin para a primeira oração; a voz se espelhava maravilhosamente clara sobre a superfície da água. Os pássaros trilavam sonoramente. No leste, atrás das montanhas liláceas, o céu tornou-se cinzento, e então, do lado oposto, com ouro e latão reluziram os picos enevoados da majestosa cadeia himalaica Pir Panjal e logo refletiram-se no espelho do lago. Fiquei comovida ao extremo. Começou o alarido do dia, os traços negros de canoas-shicar moviam-se pela superfície da água. Na margem, surgiram da escuridão os choupos verde-claros do começo da primavera, enrubesceram e embranqueceram pomares floridos, estenderam-se campos vivamente amarelos de mostarda. Quando o sol afundou sua luz na água, tudo ficou triste...

Numa tarde pacífica, eu estava bebendo chá junto ao pedestal da fortaleza Rumeli Hissar, à beira do Bósforo. Na água cintilavam luzes do litoral asiático juntamente com as estrelas e a lua cheia, que constantemente mudava sua forma: ora se alongava, ora se encolhia. De longe, soava no rádio a tristonha música turca. Pensei que meus antepassados chegavam com seus barcos por este estreito até as portas de Tsárgorod, ou Istambul... Na água a lua empalideceu, quebrou-se em pequenos estilhaços, o medo me envolveu, de novo não encontrei paz...

Longe de tudo o que me era próximo e compreensível, em Benares, eu descia de madrugada pela escadaria gasta até o Ganges. Em torno de mim, centenas de pessoas iam quase sem ruído os degraus abaixo até o rio. Sob as silhuetas dos guarda-sóis de juncos estavam sentados os monges, com pernas cruzadas e as mãos postas em oração. Recendia a fumaça e incenso. Do lado oposto do rio largo fogueiras queimavam e refletiam-se na água. Surgiu o sol, e logo deitou seu caminho pela água. Todas as faces volveram-se para o leste. Algures soou o gongo, alguém rezava em meia voz. Tudo adquiriu uma cor luminosa: os trajes multicores das mulheres, as vasilhas de latão nas suas cabeças, os magros corpos pintados dos santos com grinaldas de flores nos pescoços. Farfalhavam as bandeiras vermelhas da cruel deusa Durga... Eu me sentia alheia e perturbada.

Em Hong-Kong, à beira da baía e no espelho do mar, havia um caos incrível de luzes. As lanternas sobre as bóias afundavam-se com raízes douradas na água, milhares de janelas iluminadas dos arranha-céus subiam na encosta íngreme, e depois pendiam na baía com a base para cima, os reclames litorais de neon piscavam, lampiões reluziam nos barcos de turismo... Tudo parecia uma monstruosa árvore natalina. Riqueza e exagero lembravam que isso, talvez, seria o último brilho desvairado antes de se apagarem as luzes, como em Pekin...

Procurei luzes também na minha pátria... À noite estive sentada junto ao Dnipró, escutava os apitos dos barcos, que seguiam pelo rio. Grinaldas de luzes cor de latão tépido sobre a ponte se curvavam em arcos opostos na água. A noite era amena. Entrei na água para pegar luzes na palma da mão. Depois fiquei sentada na areia morna, e meu vestido molhado colava no corpo. Teu perfil se perdia no fundo do céu negro. O entusiasmo se trançava com irrequietação, alegria com tristeza. A terra era minha e não minha, tu – meu e não meu, a felicidade – minha e não minha...

A partir de então havia muitas luzes nos espelhos de outros mares, lagos e rios. Em parte alguma achei o que tanto procurava...

Agora sei que estou predestinada a procurar a vida toda luzes em portos distantes.



WM



## CONTO DE CUCUCLÁN

Coxumel – ilha da deusa Ixchel

Logo atrás da aldeia de San Miguel, a única na ilha, começava a floresta virgem. De uma árvore, com ramos em forma de patas e sem folhas, pesadamente esvoaçavam grifos. Eu refletia, por que essas aves fúnebres ficavam sentadas sempre em bandos sobre árvores mortas, lembrando minha tristeza e indiferença, que eu trouxe comigo do Norte. Eu vim para cá em vão, pois troquei apenas a falta de esperança e a tardia neve primaveril por monotonia de dias calorentos. No peito sobrou o vazio. Alguém partiu, chapinhando descuidadamente, deixando apenas o eco dos passos.

Meu velho automóvel alugado bufava desgostosamente pela estrada. As árvores, verde-marrons no final da temporada seca, amontoavam-se em ambos os lados da estrada, comprimiam-se dolorosamente e juntavam-se no horizonte.

Das brenhas e do asfalto irradiava um calor abafado, parecia que a floresta estalava baixinho, como se estivesse a queimar. Na estrada não havia nem homens, nem automóveis, somente as iguanas desajeitadas, pré-históricas, tomavam sonolentemente banho de sol. E o sol pendia branco e sem movimento no zênite.

Depois de muito tempo saí da floresta, a estrada virou-se sob o ângulo reto. Com rugido e urro, o Mar Caríbio anunciou sua presença. A estrada corria pelo litoral. O mar estava infinito e solitário, em nenhuma parte se vislumbrava um navio ou um barquinho. As ondas espumavam, quebrando-se contra os recifes negros de corais, irrompiam em gêiseres contra o céu, esbatiam-se contra a minha indiferença.

Deste lado, os ventos varriam a ilha, com violência puxavam as árvores anãs no litoral e torciam os ramos das palmeiras, como braços de carpideiras.

No mapa vi que nesta praia não havia nada de marcante além do promontório – Punta Morena. E de alguma parte nos abismos do desespero nasceu a necessidade de ir até lá.

No promontório percebi uma casinha entre as árvores. Um macaquinho se inquietava e assoviava, preso na corrente. Contra um dos troncos estava encostada uma motocicleta, mas parecia que não havia pessoas. Cheguei até o terraço de um pequeno restaurante, onde estavam mesinhas com assentos virados com os pés para cima. O vento assoviava, em alguma parte rangia a porta. Em baixo, o mar continuava a gemer e espumar.

Levei de repente um susto ao ouvir uma voz humana:

— Bom dia, turista!

Não percebi antes que, numa rede suspensa entre as árvores, estava deitado um jovem. Manchas de sol corriam pelo seu corpo e ele cintilava todo. Um homem dourado com barba dourada.

Fiquei inteiramente confusa.

— Quem é o senhor e como apareceu neste deserto?

O homem desceu as pernas da rede.

— Eu poderia mentir que minha motocicleta pifou, que estudo nesta terra a mitologia dos maias, mas à senhora direi a verdade: eu sou o deus Cucuclán, – a Serpente de Plumas.

Eu ri e me ofereci a lhe dar uma carona até a aldeia.

Pelo caminho, o homem perguntou por que no meu rosto havia tanta tristeza, e eu senti necessidade de me abrir com ele. Seus olhos eram tão bondosos. Derramei minhas mágoas nas palmas de suas mãos abertas e ele entendeu tudo.

— Um homem mau tirou seu coração do corpo, como faziam outrora sacerdotes dos maias. É mister preencher novamente o vazio do peito. É bom ter vindo em peregrinação a esta terra.

Pensei como era estranho este homem, e encorajei-o a contar sobre a sua pessoa.

— Eu me chamava originalmente Quetzalcoatl, e vivia há mil anos atrás no oeste do país dos tolteques. Sou o Sol vencedor que se inclina ao ocaso. Vejo o invisível, como neste instante estrelas de dia. Sobre minha origem circulam vários mitos. Uns acreditam ter eu vindo do além-mar, por ser branco

e ainda com barba dourada, nem um pouco parecido com o resto dos índios. Outros afirmam que Chimalma, a mulher de Mixcoatl, o senhor dos tolteques, engoliu uma nefrita verde-azulada e me concebeu tão maravilhosamente. Meu tio Ihuotmal matou meu pai, e a mãe foi obrigada a fugir para Tepoztlán. Lá vim ao mundo. Freqüentei a escola em Xochicalco – “Lugar de Flores”, onde espantei a todos com minha inteligência e minha religiosidade. Quando cresci, voltei à terra dos meus antepassados, à cidade de Tula. Matei meu tio, lançando-o ao fogo. Então encontrei os restos mortais de meu pai e o sepultei com as devidas honras. Fui eleito rei. Com a ajuda dos mestres de Teotihuacan ergui grandiosos templos e pirâmides. Até hoje estão em Tula empertigados guerreiros de pedra que sustentavam o teto. O apático Chacmool meio deitado, com um prato no peito, onde jogavam ainda corações quentes, olha o mundo. Eu proibi sacrifícios humanos, apesar de ter sido tentado pelos demônios a continuar com aquele costume cruel. Exigi que oferecessem apenas flores, borboletas e pequenos pássaros como oferenda. Fui contra guerra e violência, vivendo eu próprio uma vida ascética.

Os sacerdotes do cruel deus negro Tezcatlipoca, “Espelho Enfumaçado”, não aprovaram as minhas reformas e, com traição, me exilaram. Muitos conterrâneos foram comigo, e, depois de longas andanças, viemos para cá, ao país dos maias. Aqui fui aceito como seu deus, e recebi o nome de Cucuclán.

Hoje sou meio esquecido, mas de qualquer modo volto para esta terra a cada 52 anos, no santo ano de Izalcin.

Chegamos na aldeia. Ela estava poeirenta e pouco interessante. Da frente das rodas fugiam assustadas galinhas e peruas.

Eu disse ao homem dourado que gostei do mito de Cucuclán.

— Não é mito, é verdade; a senhora deve acreditar em mim, então vou ajudá-la a reencontrar o coração.

O estranho homem desceu do carro na praça da aldeia. Tive medo de perdê-lo antes do tempo, e chamei por ele:

— Quando vou vê-lo?

Cucuclán, no entanto, já tinha sumido.

\* \* \*

O calor tornou-se menos agressivo. A praia do hotel estava deserta. Na temporada tardia havia poucos turistas. Eu ainda sentia dor, porém a indiferença cedia aos poucos. Pela primeira vez, após a minha chegada, comecei profundamente a sentir a natureza.

Deste lado, o mar estava tranqüilo, sobre seu espelho estendiam-se fitas multicores. No horizonte, onde deviam estar os limites do Yucatan, havia um fio preto retesado; em baixo, estendia-se uma fina nesga azul-marinho, em seguida uma mais larga da cor de centáureas, então verde, e, junto às próprias margens – cor de turquesa. O fundo do mar balançava-se abaixo do espelho da água. Dava vontade de hauri-la com as palmas das mãos, como vinho branco.

As ondas rolavam mansamente, alisavam a areia junto à margem, a espuma se desmanchava e voltava ao mar. Sobre a areia molhada, por um instante, espelhava-se o céu azul. Lembrei-me de que justamente a cor azul era dedicada ao deus Cucuclán, e pelo corpo derramou-se-me calor.

Com meus pensamentos eu parecia evocar o novo conhecido. Quando me virei, ele estava atrás de mim. Então, tomou-me pela mão e conduziu-me ao longo do litoral.

Os coqueiros barrigudos, de troncos pintados por baixo de branco, inclinavam-se em direção ao sol, quase deitando-se na areia. Em cima, sob as verdes explosões de copas, juntavam-se cocos verdes. Em baixo, sobre a cintilante renda de sombras, corriam aves pretas, pernaltas de caudas longas, como numa barraca de quermesse, onde se atira. As aves gritavam com vozes roucas.

Começou um prateado pôr-do-sol, o mundo todo ficou mais intenso. Tiniam os leques das palmeiras, as silhuetas das árvores aos poucos inundavam o céu.

— Cucuclán, como surgiu este mundo?

— Quatro deuses dos pontos cardeais: o deus do Leste, a quem é dedicada a cor vermelha, o do Sul, com a cor amarela, o do Oeste, com a cor preta, e o do Norte, com a cor branca, junto com a luz que nadava na superfície das águas, criaram tudo em volta. O mundo repousava então nas costas de um grande jacaré, e em torno, na água, floriam nenúfares. Primeiro surgiram as plantas, depois animais e espíritos das montanhas. Somente após isto os deuses fizeram os homens

de barro, mas estes desmancharam-se no tempo do grande dilúvio. O dilúvio exterminou também os homens de madeira, que não tiveram nem alma, nem juízo. Finalmente, os deuses criaram de milho e outras plantas os homens perfeitos.

Veio a noite, o céu estava negro, aveludado e macio, com grandes estrelas maduras, que davam vontade de colhê-las no avental. Cucuclán prosseguia:

— Sobre nós estendem-se treze faixas do céu, regidas por treze deuses. No céu, os homens descansam na sombra das árvores, ninguém trabalha, lá não existe dor, nem sofrimento, há comida e bebida em abundância.

Abaixo de nós está o inferno, onde os homens sofrem fome, frio e cansaço. Lá reina Ah Puch, o deus da morte. Ele possui caveira em vez de cabeça, e sininhos em torno do pescoço. Suas insígnias são cachorro e coruja.

Todas as coisas, todos os seres são a manifestação de uma divindade. Os dias são divindades com o peso do tempo nas costas, e, vindo da escuridão do passado, passam para a escuridão do futuro. O mundo é uma luta sempiterna entre o bem e o mal.

Os deuses benéficos trazem chuva, fertilizam milho, provocam fartura. Os malévolos trazem estiagem, furacões, guerras, ruína e morte.

O deus mais idoso é um ancião bondoso e desdentado, Itzamna. Ele é dono do céu e do sol; inventou a escrita e a medicina.

Surgiu a lua. Percebi como em torno de mim tudo vivia, respirava. Tirei as sandálias e senti a areia sob os pés. Escutei como sussurravam as palmeiras, como marulhava a água, quão docemente recendiam as flores noturnas.

Cucuclán guiou-me para dentro d'água.

— Temos que fazer reverência à deusa Ixchel. Ela é a mulher de Itzamna, deusa da lua, inventora da tecelagem. A ela está dedicada esta ilha. Para cá vinham peregrinando, pelo menos uma vez na vida, mulheres de toda a terra dos maias.

Entramos no mar. A água morna acariciava meus pés, aos quais se colavam as abas do vestido longo. Nós estávamos no meio do caminho feito de espelhos dourados da deusa.

\* \* \*

## Procura em Uxmal

O hotel em Uxmal se parece com uma antiga fazenda mexicana. Tudo aí é feito para proteger da estiagem: os corredores com arcadas abertas para o jardim, salões sombreados, luzentes azulejos no chão, rendas verde-escuro de samambaias em vasos, e incontáveis flores em altas urnas.

Eu sentia uma inquietação estranha. Corria pelas escadas e corredores, espiava em todos os recantos, como se procurasse algo. Os meus passos ecoavam na solidão do hotel quase abandonado.

Na biblioteca, no fim do corredor, achei, entre velhos livros empoeirados, a história dos antigos maias. Nele, havia gravuras com representação de ruínas cobertas pela mata virgem, tais como foram originalmente encontradas pelos arqueólogos.

No meu quarto, sentei-me na cadeira de balanço trançada e comecei a ler o livro. Aprendi que a religião maia surgiu da unificação da personificação primitiva da natureza com o culto e veneração dos corpos celestes. Ela foi explicada e cultivada pela casta dos sacerdotes: astrônomos, matemáticos, magos e expertos do ritual. A mais alta autoridade religiosa e leiga, também chefe do exército, era Halach Unic, “O Grande Senhor”.

Em seguida, o autor enumerava os deuses, entre eles o benéfico Chac – deus da chuva, dos ventos, do trovão e da fertilidade.

O rosto retangular de Chac é representado em muitas construções de Uxmal. Ele possui grandes olhos redondos, lágrimas que simbolizam a chuva, e um grande nariz adunco.

Contemplei estas construções ainda antes do meio dia. Estava abafado, as ruínas tremiam nas evaporações do calor. A mata virgem tumultuava em torno das pedras brancas, como se quisesse a tudo engolir novamente. Na proximidade, os homens cortavam brenhas com facões. Recendia a fumaça. Nos campos distantes queimavam talos de milho, incendiados antes da temporada de chuva. Destruíam o velho para dar lugar ao novo.

No topo da “Pirâmide do Feiticeiro” via-se como a tempestade passava de lado, e o céu cintilava com raios do deus Chac.

Uxmal decaiu ainda antes da chegada dos tolteques. Nas ruínas não foi encontrado Cucuclán, e tampouco no livro ele se achava.

Fechei o livro. Diante da mata virgem, que chegava até a janela, os pássaros faziam algazarra: cantavam, piavam, assoviavam, trilavam e crocitavam. Às vezes, davam a impressão de se queixar, outras vezes de indagar algo. Uma palmeira barbuda mal movia seus majestosos leques. O verdor trespassado pelo sol poente lembrava-me a Serpente de Plumias. O cheiro de flores tropicais comprimia-se para o quarto, pois as janelas não tinham vidraças. As molduras de madeira deixavam entrar a verde chama, e as paredes brancas pareciam ser da cor de esmeralda. O espelho redondo com pesados ornamentos metálicos transformou-se em segunda janela para o matagal. Sob os caibros do teto, monotona e rodava e zunia o ventilador. Sobre os azulejos ornamentais assentaram-se pesados móveis, e na mesa exibia-se um galo pintado de cerâmica. Tudo era tão tipicamente mexicano. Fiquei tranqüila em saber que não tive nada que procurar em Uxmal.

\* \* \*

## Emoção em Chichen Itza

O dia era sonoro, e o abafamento sumiu para qualquer outro lugar. Aí, em Chichen Itza, do topo da construção, chamada pelos arqueólogos de “Mosteiro das Sacerdotisas”, via-se o céu azul acima de uma planície infinita do Yukatan. Os tetos de outras ruínas pareciam ilhas brancas no mar de um verdor ondulante. Tudo aparentemente pacífico e silencioso. Porém, lá atrás da “Casa do Caracol”, do “Mausoléu do Supremo Sacerdote” e da “Casa do Cervo”, começa o complexo nórdico das construções, com o visível eco de crueldade e horror. Na beira da mata há um poço de oferendas, uma bacia profunda na terra, na qual outrora eram lançadas vítimas humanas. Das paredes verticais gotejava o verdor da floresta, e lá no fundo negrejava o espelho da água, na qual nada mais se refletia, onde não havia mais nem céu, nem sol, apenas morta folhagem caída.

Em torno da praça estavam construções restauradas. Do “Templo de Jaguar”, o rei, com seu séquito, contemplara o jogo de bola na praça abaixo. Nas paredes, havia gravuras

com a representação do ritual do jogo. O sacerdote segurava com uma mão o facão, com a outra a cabeça do capitão do time que perdera o jogo. Atrás da plataforma de pedra com caveiras humanas cinzeladas, estava acocorado o “Templo de Guerreiros”. Em sua frente, o semi-deitado Chacmool com o prato no peito. Sobre as paredes – cenas da conquista dos maias e frisos com a representação de jaguares, coiotes e águias segurando corações humanos. Nas colunas – guerreiros com lanças. Soprava o frio, senti arrepio na pele.

Somente depois cheguei perto da pirâmide de Cucuclán, onde não havia brasão de morte. Dentro, no fim de um corredor escuro, deitei flores de hibisco diante do jaguar vermelho com manchas de verde-nefrita. O coração batia mais rápido, seja da escada íngreme, seja de emoção. Depois, quando eu descansava no topo da pirâmide, ouvi o assovio de um melro, o que os maias acreditavam significar um encontro inesperado.

\* \* \*

Dos afrescos desceram casebres brancos com tetos de leques das palmeiras, e juntaram-se numa aldeia. Desceram homens com rostos cor-de-chocolate, narizes aduncos e olhos puxados, cheios de surpresa; desceram mulheres com cabelos luzentes, amarrados como trouxinha na nuca. Alguém soprou vida naquelas figuras, e elas se agitaram.

Na praça da aldeia, no meio dos homens que estavam sentados nos bancos, reví meu dourado Cucuclán. Ele interrogava os índios e anotava algo. Quando me viu, levantou-se e despediu-se dos seus companheiros. Tive vontade de perguntar o que ele ali fazia, mas calei-me, pois sabia que ia receber uma resposta parecida com a anterior.

Fomos ao longo da rua. Era domingo, tudo estava radiante, pulsava vida. Os alegres índios ensolarados passavam por nós e nos olhavam diretamente nos olhos. Curtas e sólidas mulheres, em brancas blusas bordadas sem cintura, pareciam-se com damas retangulares de baralho.

De ambos os lados da rua estendiam-se plantações de agaves. Elas florescem só uma vez na vida, antes de morrer. Quando passamos pelo campo dos talos de milho do ano

anterior, queimados, Cucuclán contou sobre o bondoso Yum Cacs, representado com a espiga de milho na cabeça e a flor daquela planta na mão. Este deus cuidava de agricultura, casa e floresta.

A rua corria adiante entre as árvores. Bem próximo, pombos silvestres arrulhavam sobre amor e fidelidade.

Cucuclán se tornara muito próximo de mim. Ele olhava onde o templo na pirâmide refletia o sol sobre as copas das árvores, e perguntou-me o que vi em Chichen Itza. Mostrou-se insatisfeito com minha resposta.

— Viu apenas pedras. Poderia imaginar aquele lugar quando a cidade era sagrada, quando ali pulsava a vida? Peregrinos afluíam para lá, de recantos afastados. É verdade, havia também costumes cruéis. Pelo caminho ao poço seguiam procissões e conduziam rapazes ou moças aturcidos. Pintavam-nos de cor azul, enfeitavam-nos com plumas multicores, e, durante a cerimônia, jogavam-nos na água negra. O deus Ec Chua, horripilante, pintado de preto, com o beijo inferior pendente, exigia aquela crueldade. Ele era o patrono da guerra e da morte repentina.

Prefiro lembrar as festas alegres, embriagantes. Para estas, os sacerdotes determinavam um dia propício. O povo jejuava antes da festa, abstinha-se de carne e de pimenta malagueta. No tempo marcado, reunia-se na praça, diante da pirâmide. Vinha pedir a deuses saúde, boa colheita, longa vida, rezava para espantar os maus espíritos, trazia oferendas de alimentos, adornos, acendia fogueiras, apresentava peças rituais. Atores mascarados representavam animais, pássaros e deuses. Tocavam búzios. Sobre as macas, traziam sacerdotes e nobres ricamente trajados. Estes tinham maravilhosos colares, pulseiras de nefrita, fantásticos enfeites nas cabeças. A música de flautas, guizos e bombos tocava. O povo dançava o dia todo sem parar, batia ritmicamente palmas, marcava o compasso com sininhos de prata e latão presos à cintura. Fitas coloridas esvoaçavam, plumas multicores cintilavam ao sol, exalava a incenso. Tudo estava desvairado, rodopiava, vibrava...

\* \* \*

Depois do jantar, Cucuclán e eu estávamos sentados no terraço do hotel. Eu me sentia abrigada, como se meu navio,

após uma longa tempestade, tivesse atracado num porto seguro. Sobre nós novamente brilhavam estrelas, A Ursa Maior rolava no céu, e às suas estrelas traseiras estava presa, como um pequeno prego, a Estrela Polar.

— É o astro do narigudo Samán Eco. Ele conduzia os mercadores na terra firme e no mar, e a ele traziam sacrifícios nos altares junto às estradas.

Sobre o parque tropical surgiu a lua cheia. Em sua direção veio nadando a silhueta de uma samambaia pré-histórica.

Nós bebemos vinho, muito vinho tinto. Alguém tocava piano sempre mais alto e mais alto...

\* \* \*

Na casinha, a folhagem seca das palmeiras no telhado recendia. Atrás da janela rangiam os troncos de bambu, gritavam aves noturnas, mas dentro estava sereno. Sobre o leito pendia um mosquiteiro, como fios de uma imago. Parecia-me que, enrolada nele, eu iria acordar no dia seguinte como uma linda borboleta.

\* \* \*

Quando o sol me acordou, Cucuclán havia sumido. Na mesa branqueava a carta:

“Perdoa-me por partir subitamente. Eu não te disse por que, outrora, deixei Tula. O pérfido deus Tezcatlipoca convidou-me para um banquete, e ofereceu muita bebida. Não fui cauteloso, embriaguei-me totalmente e adormeci. Quando acordei, junto a mim estava uma jovem bailarina. Eu, que sempre levava uma vida ascética, senti vergonha pelo acontecido, e deixei a minha terra. Agora parto daqui. Creio, no entanto, que pude ajudar-te a esquecer o teu sofrimento, que tu aprendeste a amar o mundo, e que teu coração voltou ao peito.

Teu Serpente de Plumas”

Fui preparada para a partida de Cucuclán. Tentei não estar triste, lembrando-me de que ele mandou alegrar-me com a vida.

Saí para o parque. Com olhos novos, contemplei como centenas de sóis faiscavam na folhagem oval de um ficus,

quão devagar se moviam os ramos de umas bananeiras. O sol festivo retesava fios de ouro entre o céu e a terra. No meu interior abriu-se uma buganvília purpúrea e um hibisco chamejante. Recendia a seiva de limão, e nos lábios senti o gosto de mangas maduras. A tristeza partiu.

1974







## ESTAÇÃO “SONHO-INFÂNCIA”

Enferrujados, rangem os trilhos, as rodas batucam como um antigo relógio, o tempo corre no sentido oposto, qual uma fita de cinema..

Minhas mãos colam-se nas vidraças frias. Atrás da janela passa girando um mundo pintado de lágrimas, os postes telegráficos caem como pedras de dominó, as velhas casinhas do subúrbio vão ao chão, igual a um carrossel gira o Alto Castelo.

Não penso mais, apenas sinto. Sou uma única dor e alegria, e esperança.

“Companheiro de Eslováquia, obrigada pela confiança. Você tem suas lágrimas, eu as minhas. Continue a viagem para sua pátria tristonha, deixe-me sozinha com a minha Cidade...”

O trem pára numa grande bolha de sabão.

Estação “Sonho-Infância”.

\* \* \*

Lviw tornou-se pequeno, só os castanheiros cresceram.

As minhas ruas, ninguém as refez nos últimos vinte anos, elas próprias ficaram mais estreitas e ainda mudaram de direção, de nenhuma maneira querem aparecer como em meus sonhos. Os prédios se acocoraram, juntaram-se, oprimem os bondes, de modo grotesco os achatam e alongam, como num espelho torto de quermesse.

Nos bondes reina um clima alegre. Eles vacilam, chiam. Reconhecem-me, pois sou daqui.

— Então, quem ainda não tem passagem? (Sempre este “então”, típico de Lviw!)

Junto a mim está sentada uma mulher com um buquê de flores. Afundo-me no olor do manjeriço, um aroma entorpecente da infância, a erva “yewchán”, que faz lembrar o

passado. Como é cruel que não me tivessem permitido viajar para a aldeia, sentir o manjeriço, o resedá, as violetas noturnas!

\* \* \*

Junto à antiga Torre da Pólvora sobre os Muros, num dia ensolarado e sem vento, surdamente caem castanhas. Elas se desprendem dos dedos abertos da folhagem amarela e suavemente se abrem. Num berço úmido brilham frutos corde-acaju.

Relembro o toque frio da castanha no centro da palma da mão infantil. Eu as colhia numa caixa, mas durante a noite elas tragicamente envelheciam, perdiam o brilho e se enrugavam.

\* \* \*

Em frente à catedral estão mendigos cinzentos, encolhidos em novelos. Barrigudos anjinhos nas balaustradas barrocas levantam seus olhos pétreos ao céu. Sobre seus corpos vejo eczemas esverdeados, e nas paredes arredondadas com nichos ovais – manchas amarelas e cinzentas, não lavadas pela chuva.

No templo de São Jorge celebram a missa, mas tenho a impressão de estar a igreja vazia, em qualquer parte ranger a porta, de alguém ter fechado as janelas com tábuas, de ser ela um castelo esvaziado sobre uma rocha íngreme, habitada pelos fantasmas.

Talvez tenha esta impressão por estar o dia branco e insípido.

\* \* \*

Junto à prefeitura desengonçada as construções emanam Idade Média e Renascença italiana. Respiram casas pesadas com escoras volumosas e abóbadas, tinem fileiras de vasilhas na Antiga Farmácia, onde na penumbra se juntam utensílios como os de alquimia: alambiques, retortas, moinhos. Só o leão alado dos doges boceja no portal corroído do cônsul de Veneza, lavado pelos séculos, como se tivesse sido com água salgada do Adriático. Na casa de Korniaht, graciosas colunas

renascentistas tomam-se pelas mãos numa dança rítmica de luzes e sombras.

No Mercado, nas flores de cana chamejante, banham-se sobre as fontes, branqueadas pelo sol e pelos ventos, figuras neoclássicas. Nas sombras azuis, como aranhas negras, pendem candelabros decorativos do século passado.

Na entrada da prefeitura, dois leões comodamente se apoiaram nos escudos e tomam banho de sol, iguais a velhos gatos.

\* \* \*

É-me agradável, quando na rua os caminhoneiros se xingam em ucraniano.

\* \* \*

A Igreja de Dormição está repleta de orações e cheiro dos ramos queimados de pinheiros. Sobre as cabeças dos fiéis andam manchas de sol, filtradas pelos vitrais coloridos. Fumaça tépida, pedras frias em baixo dos joelhos e sussurros.

— Santo, santo, santo...

Tudo, aparentemente, está no seu lugar, sem modificações...

No pátio negro da igreja dobram lembranças. Cintilam meninas transparentes com vestidos brancos engomados, com flores nos cabelos e velas nas mãos, e, de repente, juntam-se, num punhado, na foto amarelecida do meu álbum.

\* \* \*

Ando de um século a outro, pelos retângulos ensolarados no assoalho lustroso do museu.

Varvara Longhych olha tristonha do seu retrato – é uma senhorita mimada, com olhos úmidos e pálpebras pesadas. Possui algo da aura rembrandtiana. O imponente Konstantyn Korniakt não deixa dúvidas sobre a sua riqueza e seu contentamento. Uma comovente galeria de burgueses da minha cidade, pintada com sentimento e amor.

Nas outras salas pululam heróicas superilustrações estéreis de sorridentes camponesas de *kolkhoses*, dos combatentes do Exército Vermelho, e de Lênin com a mão estendida.

E no pátio, sob o muro de tijolos – danificada figura primitiva, retirada de qualquer encruzilhada. Cristo, apoiando sua cabeça, desproporcionalmente grande e coroada de espinhos, na palma da mão direita, cisma entristecido.

\* \* \*

Na Rua dos Pescadores, agora Rua Rylsky, está um prédio com uma longa sacada no segundo andar. Naquela sacada, com absurdas grinaldas metálicas, eu aprendia outrora a andar, e de lá o mundo parecia infinitamente grande.

Algumas pessoas possuem no sótão velhos baús com brinquedos quebrados, cadernos cobertos de poesias ingênuas e violetas secas. Eu não tenho nada disso. Existe apenas uma escada que cheira a mofo, e um pátio sombrio atrás da janela semi-aberta, no estilo de *art nouveau*. Naquele pátio, outrora, tragicamente pereceu meu branco gatinho angorá.

Na calçada em frente ao portão estão ainda aquelas mesmas placas desiguais de pedra, nas quais eu e a pequena Frieda desenhávamos com giz o jogo de amarelinha: três quadrados seguidos, depois dois em pares, um e de novo um par, e, só em seguida, o “céu”. Frieda tinha grandes olhos castanhos e cabelos curtos, cortados em topete. Era parecida com Anne Frank.

Não há ninguém para me dar notícias de Frieda; mas, para quê? Para ouvir que foi levada com todos os outros?

Tenho um compreensível sentimento de culpa...

\* \* \*

Desço do bonde numa noite escura, para as cavernas negras das ruas. Movimento-me pela calçada estreita da Rua Rutena. Sopra o silêncio, então as construções conspiram contra mim. Tenho medo, sinto arrepio. Junto a mim passam pessoas cinzentas de duas dimensões. Poderiam passar através de mim, pois sou sombra, pois não sou nada.

Somente quando tropeço dolorosamente nos redondos paralelepípedos do Mercado, eu acordo do sonho, que esta vez não era sonho. Eu existo.

Alguém me sustenta, alguém inteiramente tridimensional. Ele sorri com fileiras de dentes brancos e eu deixo de ter arrepios.

— Para onde vai com tanta pressa?

— Para casa.

— Aonde, para casa?

— Para casa, para casa, para casa!

Eu corro. E, no quarto do hotel, vem a tristeza. Onde está a minha casa? Eu estou em casa aqui e lá, não estou em casa nem lá nem cá. O destino me largou no meio do caminho, em qualquer parte junto ao Oceano Atlântico.

Um teto alto, abajures ornamentais, um quadro realista da metade do século passado, representando um bosque, um rio qualquer. Cheira a Austro-Hungria... Em baixo música, romances lânguidos. De novo não encontrarei sono.

\* \* \*

Em Ternopil, além das silhuetas dos prédios, desse lado do lago, o tomate oval do sol se afunda devagar na nata da névoa.

Sobre o convés do pequeno barco caminha um menino moreno descalço, e vende passagens. Afasta do rosto uma madeixa do cabelo louro, e olha o poente.

— Vem chuva.

\* \* \*

De novo, o trem balançando. O rio Zbrutch, que, outrora, com gume afiado, entrava no nosso solo negro, passou como uma pincelada azul insignificante.

Além da janela deitam-se nuvens chúmbeas, oprimem desnudados campos após a colheita, e cansadas aldeias cinzentas. As únicas manchas de cor e calor nesta monotonia sem esperança são os desengonçados copos de chá no banquinho junto à janela.

A tristeza vem vindo, então eu e o jovem de olhos azuis de Kharkiw embriagamo-nos com canções da estepe, e comungamos com os grãos de girassóis.

Perto dos trilhos, um velhinho apascenta uma vaca. Ele cuida desta; a outra está de cabeça para baixo no tanque, como no quadro de Chagal.

\* \* \*

Na estação de Jmerynka, lenços brancos farfalham como pombos. Mulheres estendem mãos:

— Comprem maçãs!

Nestas mãos e nestas maçãs está a Ucrânia. Vem a vontade de comprar todas as frutas, a Jmerynka inteira.

\* \* \*

O barco que voa pelo Dnipró ao Sul é uma bola de velocidade e barulho. Todo o resto é falta de movimento, falta de mutação de séculos. Sobre a alta margem direita – sítios, tetos de colmo e moinhos desgrenhados. Como traços pretos no espelho argentino são os barcos, e neles, numa pose apenas, congelaram-se os pescadores.

Na minha cabine, sobre o teto, piscam, entrançam-se reflexos das águas. Parece, no entanto, que alguém me deu uma injeção entorpecente no meio do coração. O jarro está repleto até a beira, mais impressões não se pode derramar nele.

\* \* \*

Em Kaniw, junto ao túmulo de Chewtchenko, está vazio após a temporada. Silêncio e olor de floresta mais do que amadurecida, e ainda o impreciso sussurro dos vivos, mortos e não nascidos.

Em baixo, no fundo da água azul escura, mulheres de peitos cheios vendem peixes secos e frutas. Elas estão sentadas como efígies da Mãe-Terra, deusas da fecundidade das estepes; tenho vontade de colocar a cabeça no seu peito e chorar.

Em vez disso, compro por 20 *copeicas* ameixas, embrulhadas no jornal.

\* \* \*

Dever-se-ia vir a Kyiw pelo Dnipró, ao nascer do sol. Então cresce a vontade de cair de joelhos diante dos verdes montes dourados, diante das igrejas cintilantes, diante da história, e pedir permissão para pisar a margem.

\* \* \*

Na escadaria sombria da Santa Sofia dançam os jograis. Apenas no coro, onde não permitem a entrada aos turistas, sente-se a grandeza da catedral. Aqui estou eu com os meus antepassados, aqui a Nossa Senhora Oranta, abrindo os braços, protege-me de todo o mal.

Em baixo – o vazio, a pedra arranhada e fria com afrescos muito danificados, e uma voz monótona:

— E aqui, estão vendo diante de vocês um quadro feito de pedrinhas coloridas. Isso se chama mosaico.<sup>1</sup>

No mosteiro de Santa Lawra, nas catacumbas, espalha-se um frio estéril. Faz falta sentir velas e cheiro de incenso, mas, em vez disso, há em volta lâmpadas elétricas e turistas estrangeiros, à procura de sensações. Calam-se as múmias petrificadas dos monges.

Será que estou tão cansada a ponto de não poder mais vivenciar?

\* \* \*

Do turvo rio de Khrechtchatyk<sup>2</sup> é fácil fugir para a montanha de São Volodymyr. Lá, no meio das flores, os velinhos jogam xadrez. Grandes borboletas de laços prendem os cabelos das meninas, e o sol se reflete nos rostos das crianças que ainda sabem brincar. Sobre o caminho de asfalto reparo no jogo de amarelinha, pintado a giz.

Do alto se vê a estátua do Santo, Dnipró e sua arenosa margem esquerda. Percebo como Kyiw é belo, e tenho receio de que novamente viva apenas aparições.

Gostaria de vivenciar no inverno esta cidade de verdor cacheado, quando as árvores se tornam nuas e violáceas, quando nos monumentos e nas cúpulas de igrejas há mitras brancas. Eu iria então ao parque, aquecendo as mãos no regalo, escutando o silêncio branco da neve.

\* \* \*

Encontro gente, GENTE e gente pequena. Vejo-a nas ruas, nos ônibus e nas suas moradas. Ela vive tanto nos pequenos apartamentos apertados, onde os filhos aprenderam a fazer

---

<sup>1</sup> Em russo.

<sup>2</sup> Alameda principal de Kyiw.

seus deveres de casa junto às visitas, quanto em casas grandes no subúrbio. As pessoas vivem e pensam de modos diferentes...

Eis um quarto de Kyiw, sobre a parede de azulejos ghutsulos cavalgam caçadores amarelos e verdes, guerreiros montam, senhoras ricamente trajadas passeiam, ou aves do paraíso se aninham entre as flores.

Aqui, as pessoas sonham com uma cabana solitária nos montes Cárpatos, com a liberdade que se sente somente nas montanhas.

Rapazes, chegou a hora:  
Deitai-me nas machadinhas,<sup>3</sup>  
Levai-me à Tchernoghora...

E eis a sala com quadros de outra época, com delicada porcelana e cortinas. No sofá está sentada uma senhora idosa grisalha com um cachorrinho no colo. Dá impressão de que ninguém lhe disse que o tsar tenha sido assassinado, e ela continua vivendo assim, envolvida nos seus sonhos.

Num estúdio, entre figuras monumentais e poeira de pedra, com uma cordialidade fora do comum, servem maravilhoso café expresso numa caixa de madeira.

Numa outra casa reina penumbra e calma, apesar de o vento bater contra as vidraças e a velha macieira arranhá-la com dedos hirtos. Aqui se vêem quadros modernos nas paredes e livros até o teto. Exalam velho papel e sabedoria, e tão facilmente se fala sobre a criação sem freios...

Pessoas com quem travei amizade são todas extraordinárias. Resplandecem de bondade, cordialidade fraterna. Possuem algo da largueza da estepe, da falta de imposição. Elas me servem, presenteiam, e eu estou envergonhada de minhas mãos já vazias.

Por causa das pessoas o tempo se dilui, não há nem dia, nem noite.

\* \* \*

Deixo o quarto, onde a música do toca-discos enche todos os recantos, onde junto à luz das velas permanecem as

---

<sup>3</sup> Balada sobre o herói popular, Dowbuch.

rodinhas brancas de cálices com o vinho restante. Da sacada vejo a montanha junto ao Dnipro, sobre ela um colar simétrico de luzes enfiadas. Aperto os olhos, as luzes tornam-se enfeites natalinos, que cintilam e saltam alegremente na montanha negra.

Então ouço um zunido – a montanha me chama. Não é mais a infância que se manifesta em Lviw; é algo mais eterno.

Beleza minha, pátria minha!  
O que devo fazer – ignoro.  
Eu venho e parto, rio e choro,  
Meu dia, ao luzir, definha...

Na escuridão, alguém junto a mim recita Vinghranowsky. Temos concordância de pensamento.

Depois, quando saio à rua, de cima, da sacada, pesados ásteres cacheados caem sob meus pés.

\* \* \*

Na neblina se destaca a estátua do *ghet'man* Khmelnytsky, com contornos diluídos. Perdido, ele procurava uma direção para onde apontar seu bastão de chefia.

O campanário de Santa Sofia desmanchou-se na brancura, como numa aquarela começada de baixo e não terminada.

Goteja a chuvazinha de outono, e junto com ela vem a noite. A folhagem luzenta e amarela de choupos cola-se aos paralelepípedos negros. Contemplo aqueles estranhos desenhos. Surge uma imagem negativa: vejo o preto no branco: um ás de copas. No sortilégio, esta imagem significa tristeza. Lembro-me de uma cigana com trajes de cores gritantes, que ambulava pelo parque de Chewtchenko e me amaldiçoou, porque não permiti que me dissesse a sorte.

É difícil de acreditar que lá reinasse o verão havia uma semana, que as noites estivessem abafadas, que eu corresse no crepúsculo pela areia macia até a água do Dnipro. Depois, aquela areia colava-se aos cabelos molhados e aos lábios, e eu estava deitada de costas, olhando como a Via Láctea se balançava no céu, escutava apitos de barcos que deslizavam para a eternidade, pensava que aquele Dnipro tivesse sido o rio batizado, e algo morria dentro de mim...

Agora, do monte de São Volodymyr flui um olor murcho-  
doce de outono. Assim andamos pela cidade de Kyiw: eu e a  
minha sombra.

1968



MM



## TERPYLIWKA

Quando minha prima e eu corríamos para o campo, a aldeia se afastava de nós com todo o seu alarido alegre, e nós éramos abraçadas pelo olor da seara agradavelmente abafado. Ao redor, o mundo se balançava despreocupado, ondeava o trigo, pontuado pelas flores coloridas, flutuavam borboletas, pequenas celestes, brancas com mancha dourada, e, as mais belas, com o olho de pavão nas asinhas. Tudo resplandecia, tremulava, zunia, ziziava... Nas colinas longínquas, camadas de linho com cores delicadas, trigo mourisco, trevo e colza estavam deitados de costa e tomavam banho de sol.

Corríamos despreocupadas em direção ao Campo Santo, que para nós não era de todo assustador. Na minha frente, a prima levantava a poeira do caminho com suas sandálias. Uma grinalda de margaridas brilhava na sua cabeça, suas pequenas tranças negras esvoaçavam.

— Prima, por que tens cabelos grisalhos? Por que tens tanta dificuldade de marchar nestas botas lamacentas?

Também a mim não é fácil chapinhar pelo cereal umedecido, esmagado pelo temporal. Os talos envolvem os pés, e o Campo Santo parece tão distante! O caminho antigo foi arado, dizem, queriam também arar o cemitério, porém o povo não deixou, e agora ele negreja como mancha escura no meio do verdor do campo de *kolkhoz*. No cereal não há flores, não há sinfonia de grilos; as borboletas e os lóuva-a-deus se mudaram, envenenados sabe-se lá com que. O céu está tempestuoso, pesado, opressor. As nuvens cinza-verdes confluem no horizonte com o campo sem fim, sem limite.

Mesmo que escute com intensidade, a terra não mais fala comigo. Em vão procuro algo de conhecido, qualquer pedra milenar.

No Campo Santo nós nos alegrávamos com a vida. Lá recendia o capim recém-cortado, e sem parar cantavam grilos. Arrancávamos o cheiroso tomilho, esmagávamos nas palmas das mãos, embriagávamo-nos com o aroma.

Deitávamos de costas no gramado e olhávamos as nuvens tornarem-se animais felpudos: mamutes, rinocerontes e dromedários. Das nuvens desciam sobre nós guarda-sóis rendados das sementes de dentes-de-leão. Junto a meu rosto balançava-se um talo não atingido pela foice. Parecia-me infinitamente maior, e nele estava sentado um grilo que esfregava suas compridas patas traseiras. O sol no zênite zunia como um grande sino. Nós nos levantávamos bruscamente e andávamos por entre cruzes brancas de pedra, figuras de anjos, procurando “o santo de botas pretas”.

Só então íamos orar junto ao túmulo da família, como a avó nos mandava, e deitávamos nele as fenecidas flores de campo.

— Prima, de onde surgiu aqui um matagal, árvores, brenhas? Como podemos achar o “santo de botas pretas” e o túmulo da família?

Apartamos os ramos, a água que sobrou nas folhas da chuva de ontem goteja pesada e fria. Sob a densa tessitura das árvores estão nos vigiando sombras ameaçadoras, cheiram a umidade e azinhavre. Em torno reina um silêncio opressivo, apenas em cima crocitam corvos. Sinto frio e arrepio. No meio das brenhas – cruzes caídas, levantadas pelas raízes e cobertas de musgo. No túmulo da família, do crucifixo fluíu ferrugem sobre o pedestal de pedra, onde estão gravados os nomes daqueles que partiram há muito tempo. Toco a pedra de séculos, toco o dia de ontem. Onde está o sonho? Onde a realidade?

De noite, na cozinha, à tépida luz de lâmpada de querosene, o avô lia livros. Ele tinha os cabelos cortados rente e longos bigodes. Junto da lâmpada esvoaçavam as borboletas noturnas, e às vezes voavam para o fogo. A avó desparafusava com rangido o vidro da lâmpada, limpava o pavio e recolocava o abajur maravilhosamente pintado. Nos recantos da cozinha escondiam-se sombras, nelas se afundavam “os santos”, que pendiam em quadros nas paredes atrás da mesa. Do avô exalava imensa tranqüilidade e bondade, mesmo quando nós fazíamos algazarra, e ele

nos olhava acima de seus óculos. Quando minha prima e eu estávamos deitadas no quarto em grandes camas de carvalho, pelas janelas abertas vinha até nós o perfume de flores noturnas: goivo e tabaco. A lua derramava farinha sobre os tetos de colmo das casas vizinhas e as copas das árvores. E as estrelas caíam copiosamente atrás das cerejeiras negras do jardim. Sobre o pátio andava o avô, e rezava susurrando.

A casa me envolvia como a uma imago, os colchões e a roupa de cama recém-lavada cheiravam agradavelmente. Estava tépido e acolhedor.

Eu pensava em algo alegre: num riozinho atrás dos pastos, onde o gramado estava preso à terra por primulas brancas, onde em juncos andavam cegonhas de altas pernas vermelhas, onde o sol metia na água peixinhos dourados entre os nenúfares. Pensava sobre o moinho que rumorejava, e com pás de madeira hauria água, e a água marulhava e chapinhava.

Pensamentos sobre aquele rumor, e as cantigas tristonhas das moças na rua, embalavam-me para o sono.

— Prima, para onde foram as moças que cantavam na rua até alta noite?

Apaguei a luz impertinente da lâmpada elétrica que pende do teto, porém não consigo dormir. Na casa nova com paredes de tijolo está frio e úmido. As janelas parecem ser veladas com panos pretos, e na aldeia estende-se um silêncio mortal. Penso com pesar que todas as cerejeiras no pomar secaram, que no pasto não há mais cegonhas, que os moinhos se foram... e não posso adormecer. Em volta está um vazio perturbador. Os avós há tempo repousam no túmulo familiar. As portas do passado fecharam-se surdamente com três ferrolhos, ficaram seladas. Será que a lembrança me traiu?

Acordavam de manhã, quando os patos anunciavam o dia com salvas. Pela janela, entrava quarto adentro um mundo dourado. O sol estendia seus fios, dos gerânios no peitoril da janela até as tábuas vermelho-escuras laqueadas no chão. Eu corria para aquela claridade, as teias se rompiam, a luz rodopiava, girava.

Em volta acocoravam-se os móveis pesados, que exalavam cera agradavelmente. Nas gavetas abismais estavam metidos livros gastos de orações e outros livros com flores

secas entre as páginas, como fotografias amareladas de homens bigodudos e mulheres com faces de maçãs largas e mãos ossudas, compostas sobre os joelhos. No grande espelho inclinado sobre a cômoda, eu via uma menina no vestidinho de cidade com cabelo curto claro, uma menina que viera para cá num automóvel preto antigo da estação de ferro de Lviw.

— Prima, é um mal-entendido: o espelho parece o mesmo, mas o reflexo nele mudou.

O espelho fala do tempo que partiu na ponta dos pés, sem ser percebido, quando eu por um instante me tinha virado.

No quarto se agita uma mulher de meia-idade, que serve, convida, mas não é a avozinha, que sempre me acalmava quando eu chorava, que meigamente alisava a cabeça e consolava: “Está bem, filhinha, está bem...”

Restou aquele grande espelho, uma cama antiga e os quadros de santos, nada mais. Nas gavetas nem há mais fotografias de meus antepassados.

A bolha colorida da minha infância se rompeu, e eu tenho tanta vontade de chorar.

Repicavam os sinos. Na antiga igreja reinava penumbra, apenas no iconostácio cintilavam os anjinhos gorduchos dourados, envolvidos na vinha. Na luz cambiante das velas se moviam as figuras pintadas nas paredes.

Recendiam a cera, o incenso e o resedá, que as moças seguravam nas mãos. O padre celebrava a Véspera. Eu estava no meio das crianças em frente ao próprio iconostácio, e minha bela mãezinha sentada com a esposa do padre no banco, sorrindo meigamente para mim.

A calorosa voz melódica do meu avô, que conhecia todos os modos e todos os cantos melhor do que o sacristão, soava do coro. Estava solene e alegre.

— Prima, por que eles queimaram a nossa igreja?

Tudo arruinado. Sobrou apenas o campanário enegrecido, no qual restou um dos quatro sinos. O portão, que conduzia à praça junto à igreja, estava semi-aberto, afundado nas bardanas e urtigas, como se ninguém o tivesse tocado há anos.

No lugar da igreja, ervas daninhas cobriram as pedras do fundamento. Em torno estavam espalhados galhos quebrados pela tempestade; sobreviveu apenas uma bétula, que, como contam, foi plantada pelo pai do jovem, queimado aqui junto

com a igreja. Havia alguns rapazes e algumas moças que não se renderam e padeceram todos ainda em quarenta e sete...

Durante os anos difíceis, no estrangeiro, quando os campos de Podila passaram para o conto de fadas, eu pedi a Deus que me permitisse ainda voltar à aldeia de meus antepassados. Jovem e saudosa, eu prometi então que, se meu sonho se realizasse, eu passaria a noite deitada com braços abertos em forma de cruz no chão líneo da igreja.

— Prima, o que posso fazer agora, quando não há mais igreja?

1991







## ESPETÁCULO

Ruidosamente separa-se a cortina, na platéia atrás de mim silenciam alarido, tosse e pigarreado. O pano pesado varre as tábuas da cena. O cheiro de pó de estampido bate nas narinas. Não sei como parei na primeira fileira deste teatro barato.

Na cena mal iluminada do lado direito está a parede de um prédio, de onde vêm sons de uma música rouca, pelas janelas se vê gente que dança e se diverte. Abre-se a porta, sai um homem com um copo na mão. Atrás dele corre uma mulher de vestido colante curto, e faz de conta que somente agora o tenha percebido. Pergunta com voz adúladora: “O senhor também sente tédio naquela companhia? Está sozinho? Não é daqui, não é verdade?”

Penso, como é banal aquilo. Fito a mulher e fico arrepiada, não acredito em meus olhos – sou eu lá na cena! E parece que conheço aquele homem, ele é um famoso cientista, *ela* deve sabê-lo. Sento-me mais fundo na cadeira. Tenho medo de ser reconhecida por alguém na platéia.

E, na cena, eu sorrio para o homem, sugiro novamente encher seu copo. Corro até o prédio, volto com duas bebidas. Ele agradece cortesmente, nós brindamos e bebemos. Ele fala com voz meiga: “De fato, estou sozinho aqui; como a senhora é amável, logo me entendeu, sua bondade está visível nos seus olhos.” Eu faço uma tentadora pirueta na sua frente e jogo longos cachos para trás.

Eu, na platéia, toco automaticamente os meus cabelos, amarrados em coque sob o chapéu. Fico abafada.

Na cena, calou a música e apagou-se a luz no prédio. Eu e o homem depositamos os copos vazios no peitoril da janela. Proponho-lhe fazer um passeio pelo parque; ele aceita de bom grado. Guio-o pela mão, e ele, como um sonâmbulo, me segue. Passeamos entre arbustos e árvores recortados de

madeira compensada. Sobre nós pende numa correntinha o disco da lua, a balançar-se de leve. Eu: “Ah, como está lindo aqui!”

Alguém na platéia sussurra: “Esta zonza hipnotizou-o, por acaso?” Eu, na primeira fileira, fico extremamente envergonhada. Gostaria de sair do teatro, mas não sei como. Se eu me levantar, chamaria atenção de todos. Sou obrigada a ficar fincada aqui, como presa. Esforço-me em não seguir a ação da peça. Olho o chão, as pontas dos meus sapatos, consciente de que me cubro de rubor até as orelhas.

Escuto, no entanto, que na cena canto algo sobre a lua, sobre o amor, e o homem elogia a minha voz...

Algun espertalhão exclama da platéia: “Companheiro, amarra-te ao mastro, ela é uma sereia!” E um outro acrescenta: “Não enxergas que ela tece em torno de ti suas teias de aranha? Ela está a fim de aventura, de romantismo!” Na platéia soa uma gargalhada.

No entanto, lá na cena, o homem parece cada vez mais cego, fala sobre almas irmãs, sussurra algo para mim, me abraça. Eu brinco com ele, escondo-me atrás da árvore, ele me pega e me beija. Desaparecemos por um tempo atrás dos arbustos de madeira compensada.

Na platéia, puxo o chapéu sobre os olhos. Penso: “Que vergonha, que vergonha... Quem escreveu o enredo deste estúpido melodrama? Será que são necessários tais cortejos? Será que ele, de fato, agradou a mim? Por que aqui, na platéia, tenho um sentimento de culpa?” Eu confusa: “Quem é ela? Será que sou eu?”

E na cena, eu e o homem já falamos do futuro. Eu trilo tentadoramente: “Eu te procurava a vida toda, tu nunca me abandonarás, não é verdade?” Ele afirma: “Nunca, querida, foi destino que nós nos encontrássemos aqui.”

“Quão rápido nós ficamos íntimos!” penso com revolta, assistindo a essa estranha peça de teatro. Encolho-me, quase caio do assento. “Por que eu apareço lá tão ingênua e superficial? Eu poderia conversar sobre cultura, ciência, poderia aproveitar muito de sua companhia.”

Na cena, colho uma maçã, presa a uma árvore, ofereço-a ao homem; ele come e joga o sabugo atrás de si. Eu o provoco: “Não creio que agrado a ti.” O homem afirma que me ama, que faria tudo o que eu quisesse. “Minha amada, se quiser, colherei a lua para ti!” Eu o encorajo com sorriso.

Alguém da platéia grita: "Toma cuidado!"

O homem, porém, já sobe nos blocos de pedra, amontoados do lado da cena, esforça-se por alcançar a lua. De repente, a pedra vacila e o homem cai sobre o assoalho duro da ribalta. Alguém exclama dolorosamente na platéia, e todos emudecem...

Eu, lá na cena, em vez de correr para junto do homem, fujo atrás dos bastidores. O disco da lua de lata cai com estrondo. Apagam-se as luzes da ribalta. O pano se fecha com certa vacilação, mas o homem está do lado de cá, e jaz sem movimento.

Atrás da cortina ouvem-se vozes abafadas. Um palhaço abre o pano e anuncia em voz alta que o segundo ato da peça não se realizaria.

Acendem-se luzes na platéia. Eu permaneço rígida, sinto-me culpada. "Sou responsável por *ela*?" Quero indagar se ele está vivo, quero desculpar-me, mas não tenho coragem.

Vêm correndo enfermeiros, deitam o homem na maca, ele tenta levantar a mão. Despede-se? De mim?

Do assento, perto de mim, uma mulher se levanta bruscamente, correndo para junto do ferido. Eu devo ter tido consciência de sua presença o tempo todo. Quero ficar invisível. Tudo isso é um equívoco terrível!

Os enfermeiros carregam o homem para a saída. A mulher, que estava sentada perto, corre atrás deles. Na platéia voltam alarido, tosse e pigarro. O povo se espalha.

1995



ÍNDICE	Pág.
PELAS PEGADAS DE LIDA PALY .....	7
LUZES NA ÁGUA .....	11
CONTO DE CUCUCLÁN .....	17
ESTAÇÃO “SONHO-INFÂNCIA” .....	31
TERPYLIWKA .....	43
ESPETÁCULO .....	51

Printed in Brazil

